

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

MAGALHÃES, Bergonsil de Oliveira. *Bergonsil de Oliveira Magalhães (depoimento, 1999)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FUNDAÇÃO CSN, 1999. 40 p. dat.

Esta entrevista foi realizada na vigência de convênio entre CPDOC/FGV e FUNDAÇÃO CSN. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**BERGONSIL DE OLIVEIRA MAGALHÃES
(depoimento, 1999)**

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

levantamento de dados: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

pesquisa e elaboração do roteiro: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

sumário: Cinthia Monteiro de Araujo

conferência da transcrição: Ignez Cordeiro de Farias

copidesque: Verena Alberti

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Volta Redonda - RJ - Brasil

data: 10/02/1999

duração: 1h 20min

fitas cassete: 02

páginas: 40

Entrevista realizada no contexto do projeto "Pioneiros e Construtores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)", na vigência do convênio entre o CPDOC-FGV e a Fundação CSN. Esta entrevista subsidiou a elaboração do livro "CSN um sonho feito de aço e ousadia" (Rio de Janeiro, Fundação CSN & Fundação Getulio Vargas, Iarte), de autoria de Regina da Luz Moreira.

temas: Bergonsil de Oliveira Magalhães, Companhia Siderúrgica Nacional, Indústria Siderúrgica, Volta Redonda

Sumário

Ida para Volta Redonda em 1943: a moradia no hotel, o trabalho como secretária, o sistema de transportes, a casa que a entrevistada recebeu da companhia; origens familiares; primeiros estudos; a complementação dos estudos em Volta Redonda; explicações sobre a carta escrita pela mãe da entrevistada para Edmundo de Macedo Soares e Silva; novos comentários sobre a ida para Volta Redonda: o convite do irmão, a viagem, o namoro e o casamento; discussão sobre a oferta de serviços no período de construção da usina; as opções de lazer na cidade; o sistema de segurança pública oferecido pela companhia e a atuação do capitão Edgar Magalhães da Silva; breve referência ao casamento e à família da entrevistada; comentários sobre a transferência para o escritório central e o trabalho no hospital; discussão sobre a origem do nome "girafa", participação nos lucros da empresa recebida por funcionários; observações sobre o processo de seleção e contratação de funcionários; dificuldades encontradas pela entrevistada pelo fato ser mulher; comentários sobre a jornada de trabalho: o trabalho durante a guerra, o horário, os meios de transporte, o uniforme; atividades da mãe da entrevistada em Volta Redonda; outras informações sobre a complementação dos estudos; incêndio no escritório central; comentários sobre acidentes de trabalho ocorridos na usina; novas observações sobre a atuação do capitão Magalhães; nascimento dos filhos da entrevistada e a conciliação do trabalho com a maternidade; considerações sobre o comportamento dos funcionários americanos e o seu relacionamento com os brasileiros; formação escolar dos filhos: primeiros estudos em Volta Redonda, os cursos ginasial e universitário; comparação entre a assistência oferecida pelo sindicato e pela CSN; opinião da entrevistada sobre a vida política na cidade; críticas às interferências políticas no preenchimento de cargos na CSN; atuação do sindicato dos metalúrgicos em Volta Redonda; atuação de Othon Reis Fernandes como presidente do sindicato e diretor de Serviços Sociais da CSN; opinião da entrevistada sobre a importância da CSN na sua vida.

Entrevista: 10/02/1999

I.F.- Hoje é dia 10 de fevereiro de 1999, estamos em Volta Redonda iniciando entrevista com a d. Bergonsil. A senhora pode dizer o seu nome completo?

B.M.- Bergonsil de Oliveira Magalhães.

I.F.- Por coincidência, ou porque nós a escolhemos mesmo, a senhora é a primeira mulher que estamos entrevistando para esse projeto. Eu gostaria que a senhora começasse a contar, por exemplo, o início da sua vinda para cá, o motivo da sua vinda e como a senhora encontrou esse local, que não era nem uma cidade quando chegou aqui.

B.M.- Não, era distrito de Barra Mansa. Volta Redonda apareceu para mim como uma sorte na minha vida, porque foi em uma fase muito dura da nossa família. Eu havia perdido meu pai e encontrei essa maravilha de Getúlio Vargas ter construído esta grande usina, que é a paixão de todos nós que estamos aqui até hoje.

Eu vim da minha terra com 18 anos.

I.F.- De onde a senhora é?

B.M.- Ubá, Minas Gerais.

V.A.- A senhora nasceu quando?

B.M.- Eu nasci em 29 de maio de 1925, na cidade de Ubá, Minas. Vim para Volta Redonda em 1943. Solteira, e no meio de muitos homens, estranhei muito, porque onde eu morava era uma cidade pacata e fui censurada por muitos por vir sozinha, eu e meu irmão. Morei aqui no hotel das solteiras; eu era a mais nova de todas, porque eram todas moças já experimentadas e tal. Nós tínhamos o hotel das enfermeiras, que era o do lado, na rua 33. Ainda existe até hoje esse prédio, que está desativado, me parece — e eu lá morei.

V.A.- No hotel das enfermeiras?

B.M.- Eu morei no das solteiras.

V.A.- Tinha das enfermeiras e das solteiras?

B.M.- E das solteiras. E tinha também, como têm até hoje, diversos hotéis dos rapazes, mas...

V.A.- De engenheiros...

B.M.- Engenheiros, tudo separado. Naquele tempo, nós, que vínhamos de fora, tínhamos o nome, não sei se alguém comentou, de arigó.

I.F.- Arigó, é.

B.M.- Sendo que o arigó é aquele que o de Barra Mansa não gostava. Ele dizia: “Eu não sou arigó, eu moro em Barra Mansa e vocês é que são.” Porque o arigó é o nordestino, o mineiro... Eram considerados arigós. Chamavam também, não sei se alguém comentou, mas esse eu me lembro... o arigó de penacho. Sabem quem era o arigó de penacho?

I.F.- Não.

B.M.- Arigó de penacho eram os chefões, os engenheiros, os diretores. [risos] E nós éramos o arigó mesmo, que é o baixinho, funcionário...

V.A.- E arigó... por que esse nome?

B.M.- Arigó porque diz... Eu perguntava muito, mas diz que é um pássaro que não tem pousada, diz que ele sai da sua terra, lá onde ele nasceu, e sai voando por aí. Disseram que é isso, não posso dizer. Então como nós não estávamos na nossa terra, nós viemos de fora, éramos chamados de arigó aqui.

I.F.- A senhora nos disse ainda há pouco que o seu pai tinha morrido e que a senhora já estava fazendo a escola normal. Estava para terminar?

B.M.- Não. Estava fazendo o normal, mas fiquei impedida pelo falecimento dele. Como Volta Redonda apareceu, mamãe escreveu para o Macedo Soares e ele mandou que eu estudasse datilografia porque, na época, o que mais se usava era datilógrafa. Eu então estudei, me preparei, fiz um curso para escriturária e vim para Volta Redonda e prestei concurso. Era concurso, aqui, *bem* puxado. Tanto é que eu passei muito apertado, porque tinha perguntas sobre minas de carvão, onde ficavam... E eu lá em Minas nem sabia que era Santa Catarina de onde tiravam o carvão para o futuro da usina. E fiquei conhecendo Volta Redonda. Fui trabalhar na construção, porque não tinha outro emprego; aqui eram só pequenos escritórios e, na construção, é que tinha, que precisavam de funcionários. E eu fui para o escritório... Até trabalhei em laboratório de análise de areia, concreto.

I.F.- E tinha preparo para isso, ou aprendeu aqui?

B.M.- Eu vim como datilógrafa, mas eu tinha os engenheiros que vieram de São Paulo: engenheiro Jaher, que foi o chefe do serviço... E aqueles concretos eram feitos para poder pesquisar a resistência para fazer as casas. Tanto é que essas primeiras casas feitas são maravilhosas. O cimento, eu sobe até que vinha do Peru; era tudo importado para agüentar essa obra imensa que foi feita em pouco tempo. Agora, para começar mesmo, o pessoal começou a morar em casa de madeira.

I.F.- Mas quem ensinou à senhora esse trabalho específico?

V.A.- Ela trabalhava de secretária.

B.M.- Eu trabalhava de secretária, secretária. Eu era secretária do engenheiro, que era onde fazia... Tinha os laboratoristas que faziam essas análises.

I.F.- Qual era o nome do engenheiro?

B.M.- Engenheiro Frederico Jaher. Aquele livro do Macedo Soares, que vocês fizeram, que eu recebi, tem o nome dele, entendeu? ¹ Ele, se vocês acharem, era Frederico... Tem um outro nome, era descendente, eu acho, de alemão. Foi o homem que organizou... Ele tinha uma capacidade incrível; foi embora depois para São Paulo.

V.A.- Então a senhora prestou concurso...

B.M.- Prestei concurso e fui para...

V.A.- E foi logo trabalhar nesse setor...

B.M.- Nesse ramo, que era onde precisavam de mais pessoas, porque...

V.A.- Que era a construção.

B.M.- Tinha que construir a cidade para poder receber o pessoal. Porque os casados todos viviam em hotéis... Aí fomos formando a cidade, Volta Redonda.

I.F.- Foram construindo a cidade e também a estrutura para receber...

B.M.- A estrutura para receber as famílias. Porque aí...

I.F.- Não, eu digo da usina.

B.M.- Da usina. E a usina já estava sendo construída também. O alto-forno, essa parte de construção da usina... Isso tudo eu passei lá dentro, eu andei lá dentro tudo, antes de ter a açaria, de ter alto-forno... Aquilo tudo era campo, era terra.

I.F.- A senhora não se sentia muito isolada aqui, longe da família, dos amigos? Sem cinema, sem telefone...

B.M.- Olha, eu tinha aqui... Sentia. Ah, mas tinha o sistema da CSN: como todos eram de fora, ela dava dois dias por mês para visitar as famílias e eu ia visitar a minha mãe. Tinha muita dificuldade, porque o transporte era difícil, mas nós pegávamos um trem até Barra do Pirai e depois íamos para Ubá. Eu ia com o meu irmão, passava quatro dias, emendava sábado, domingo, segunda e terça. Quase todos tinham isso. A companhia nos dava também, que eu anotei aqui, um trem, chamado da alegria. Comentaram isso?

V.A.- Não.

B.M.- Trem da alegria era um trem especial que saía aqui da Central do Brasil e partia para o Rio de Janeiro para levar os funcionários que saíam do escritório mais rápido. Porque ônibus não tinha. Então ele ia diretamente para o Rio, a gente descia, fazia compras, depois voltava. Tinha também um trem chamado arigó. Também falaram?

I.F.- Não.

¹ Refere-se ao livro *Um construtor do nosso tempo*, publicação do depoimento de Edmundo Macedo Soares ao CPDOC (Rio de Janeiro, 1998).

B.M.- Esse trem arigó eu peguei muito. Eu saía do serviço, encontrava uma centralzinha perto do escritório central da Siderúrgica, a gente passava em uma passarela e o trenzinho ficava ali. A gente ia para Barra Mansa nele para facilitar a condução, porque o povo era muito! Ônibus não dava para isso, então nós tínhamos esses trens — tudo de graça. Era tudo gratuito para facilitar nossa vida.

V.A.- Todo o mundo tinha acesso? Ou eram só os funcionários mais graduados?

B.M.- Não, eram os mais graduados. Era para a faixa do escritório, que usava esse trenzinho, sabe? Nós saíamos naquele horário do escritório central, a gente terminava, todos se encontravam ali. E de manhã a gente vinha também nele, que era a condução melhor que nós tínhamos. Nos fins de semana a gente comunicava que queria ir no trem da alegria, tinha uma pessoa que tomava conta. Era tudo pequeno, fácil... todos eram conhecidos. Eu senti muito no princípio, mas depois, dentro de um ano e meio, eu ganhei uma casa. Já recebi no Conforto, e trouxe a minha família.

I.F.- Recebeu porque era arrimo de família? Normalmente recebiam quando casavam.

B.M.- Eu recebi... O seguinte: porque o meu chefe gostava muito do meu serviço e eu tinha aquela parte por causa das... Antigamente as casas eram dadas por departamento e meu departamento recebeu. Então eu pedi ao meu chefe que me desse porque eu precisava trazer minha mãe também. Aí ele me deu a casa. A gente chama “deu”, todo o mundo pensa que deu... É, ganhei, não é? Recebi.

V.A.- E o irmão da senhora foi morar com a senhora também?

B.M.- Meu irmão morou comigo também. Era solteiro, morou comigo, todos moraram juntos. Era uma casa de quatro quartos; eu fiquei em um, porque eu casei. Morei junto com a minha mãe, depois eu recebi uma casa sozinha, deixei aquela para a minha mãe, passou para o meu irmão. E eu vim morar aqui na Vila. Aí eu casei, já tive os filhos...

V.A.- E o nome do seu pai e da sua mãe...

B.M.- Minha mãe se chamava: Hilda Gomes de Oliveira. E meu pai: Donatário de Oliveira Benfeito. É descendente de portugueses.

V.A.- E a senhora tinha quantos irmãos?

B.M.- Nós éramos dez irmãos.

V.A.- Dez!?

B.M.- É. Mas três irmãos eram do primeiro matrimônio do meu pai com a irmã da minha mãe, que tinha o meu nome. Porque o meu nome, eu vou dar detalhes, o meu irmão gosta muito de explicar. Eu chamo Bergonsil porque o meu avô era uma pessoa muito querida e ele queria o primeiro filho homem, e nasceu mulher, que era a minha tia. Essa minha tia faleceu, o meu pai casou com a irmã dela que é a minha mãe, sabe? Então a minha mãe repetiu o nome em mim, da irmã dela.

V.A.- Mas esse nome, Bergonsil, vem de onde?

B.M.- Do meu avô: Bernardo: Ber; Gomes: Gon; Silva: Sil. Bernado Gomes Silva. Eu sou, praticamente, única, porque passou de família. Então é um nome difícil.

V.A.- E aí o pai da senhora casou de novo...

B.M.- É, e teve mais sete filhos com minha mãe que tomou conta dos três primeiros da minha tia.

I.F.- E ela ficou viúva muito moça?

B.M.- Ficou viúva, mamãe ficou.

V.A.- Ele faleceu com que idade?

B.M.- Meu pai? Com 40 anos, na minha terra. Ele era dentista e farmacêutico.

V.A.- E a sua mãe cuidava da casa?

B.M.- Minha mãe era professora. Ela lecionava lá em Ubá. Depois teve que parar também, porque muitos filhos, ela não pôde...

V.A.- E a senhora fez os primeiros estudos lá em Ubá?

B.M.- Tudo em Ubá.

V.A.- Fez o que, grupo escolar?

B.M.- Eu fiz grupo; fiz a parte de segundo grau, que é o ginásio... Não terminei, porque aí eu estava querendo vir embora para trabalhar, precisei vir embora e vim. Agora, aqui em Volta Redonda é que eu fiz cursinhos. Fiz Escola Técnica, uma parte, fiz muitos concursos, fiz também no Rio...

I.F.- Em que ano foi inaugurada a Escola Técnica?

B.M.- A Escola Técnica? Meu Deus! Eu não tenho muita certeza, não. Ela deve ter sido em 1950 mais ou menos. É por aí, porque eu cheguei e ela não tinha ainda. Depois, eu, para mudar de categoria, tinha que fazer cursos na Escola Técnica. Então eu freqüentava e mudei. Porque eu era datilógrafa, passei a auxiliar de administração, depois passei a chefe de divisão e a administradora do hospital.

V.A.- Administradora do hospital?

B.M.- Terminei como administradora.

V.A.- E tudo isso a senhora conseguia pelos cursos que fazia?

B.M.- Pelos cursos e pelo trabalho, não é? Pelo meu serviço.

I.F.- Como é que a senhora foi parar naquele hospital de madeira?

B.M.- Então eu vou contar.

V.A.- Deixa eu só perguntar uma coisa antes. A senhora falou que a sua mãe escreveu para o...

B.M.- Para o Macedo Soares.

V.A.- Para o Macedo Soares. Como foi isso?

B.M.- Pedindo emprego, ela pediu...

V.A.- Pois é. Como que ela conhecia?

B.M.- Por causa... Já tinha sido lançado em 1940 e 1941, que a Siderúrgica ia..., que estavam fazendo em Volta Redonda uma grande usina e que estavam precisando de empregados. Ela era muito esperta, ela lia muito jornal e ela acompanhava. O que ela fez? Saiu que era ele — era rádio, porque naquela época não tinha televisão. Então, ela pegou e fez uma carta para ele.

V.A.- Mas como ela conhecia ele?

B.M.- Não conhecia. Não conhecia, mas já tinha um médico aqui que dava as notícias para nós, entendeu? As pessoas já vinham aqui e voltavam. E tem uma história também mais importante. Para iniciar, não tinha ninguém em 1941, os caminhões daqui iam buscar operários em Minas, que eu até falei. E minha mãe conseguiu trazer muitos daqueles serventes de lá, que estavam precisando de emprego. Saíram das fazendas e vieram trabalhar em Volta Redonda. Muitos ficaram; os que ficaram estão restando até hoje aí — vocês podem localizar, são os aposentados que estão conosco.

V.A.- O pai da senhora morreu em que ano?

B.M.- 1940. A Siderúrgica foi em 1941, justamente no período... Em 42 o meu irmão mais velho que estava trabalhando — esse chegou a advogado e tudo, mas nessa época ele era só ginásio... Ele estava em Belo Horizonte, trabalhando na Saúde Pública. Ele também tomou conhecimento e veio na frente.

V.A.- Ele veio fazendo o quê?

B.M.- Folha de pagamento. Foi ser chefe da parte de folha de pagamento.

V.A.- Também trabalhando no escritório?

B.M.- Trabalhando no escritório, o meu irmão.

V.A.- Como é o nome desse seu irmão?

B.M.- Bernardo Paulinho de Oliveira Benfeito.

V.A.- Ele tem o nome Bernardo, igual ao seu avô.

B.M.- Eu disse que ele era muito querido: a família toda tem o nome.

V.A.- Tem Bernardo.

B.M.- É. Usavam muito, tradição de família.

V.A.- Então ele chegou na frente. A senhora sabe em que ano ele chegou?

B.M.- Sei: em 42. E ele é quem foi me buscar.

V.A.- Ele foi em Ubá buscar a senhora?

B.M.- Foi me buscar quando eu fiz 18 anos, porque eu não tinha idade ainda para trabalhar.

V.A.- Os outros ficaram lá com a sua mãe?

B.M.- Ficaram com a minha mãe.

I.F.- E vocês mandavam dinheiro para ajudar?

B.M.- Mandávamos dinheiro para ajudar. Depois a minha mãe... No dia em que eu casei, recebemos uma casa — foi quando a minha mãe veio com o resto dos filhos. Aí veio a minha irmã trabalhar...

I.F.- Ah, então a senhora recebeu a casa já quando casou?

B.M.- Quando casei.

V.A.- No Conforto?

B.M.- No Conforto.

V.A.- A casa do Conforto foi quando a senhora casou?

B.M.- É, no dia do meu casamento eu recebi essa casa e fui... Foi por isso que eu trouxe a minha mãe, porque não tinha onde morar aqui. E ela precisava sair de lá também, porque ela estava com muitas despesas e sem meios.

V.A.- E os três irmãos mais velhos, do primeiro casamento, ficaram lá?

B.M.- Esses aí do primeiro casamento é que eu vou dizer: uma casou e hoje é viúva de promotor — essa ficou em Minas mesmo, já estava em uma situação financeira boa; o outro era gerente do Banco Real, já falecido, e o outro...

V.A.- E ficou lá também?

B.M.- Um desses do primeiro matrimônio veio também para Volta Redonda. Só um, que morreu também, por aqui. E o outro meu irmão, o Horácio, trabalhou, a Clarinha trabalhou, eu trabalhei, Antônio Carlos trabalhou, todos trabalharam.

V.A.- Todos trabalharam para a CSN?

B.M.- CSN. Desses sete, só a caçula não trabalhou. Seis foram funcionários, e eu...

I.F.- A senhora não me contou: chegou aqui de trem?

B.M.- Ah, mas foi uma viagem horrível! Cheguei de ônibus.

I.F.- Ah, de ônibus?

B.M.- Ônibus. Tive que parar em Barra do Piraí. E lá que eu... Foi o meu marido, o que foi depois meu marido, foi também me conhecer. Porque uma mulher que chegasse aqui era um sucesso, não é?

V.A.- Ah, é?

B.M.- Era. [riso]. Era um sucesso, porque quase não tinha mulher, e o meu irmão já tinha falado que eu ia chegar. Aí todos pegaram esse tal trem, que eles iam toda semana para Barra do Piraí para jantar, porque aqui não tinha restaurante. Barra do Piraí era pertinho, é pertinho, mas era um trem especial que ia... Eles foram para lá me esperar na estação.

V.A.- Todos os homens?

B.M.- Todos os homens. Só tinha homem e só eu de mulher. Aí um dizia que queria namorar, o outro queria... Eu falei: "Não, pode deixar." Eu gostei mais do meu marido e fiquei com ele mesmo naquele dia.

V.A.- Desde o início quando a senhora chegou?

B.M.- Conheci ele...

V.A.- Já começou logo a namorar.

B.M.- Comecei logo a namorar [riso]. E meu irmão era colega; ele trabalhava na sala com o meu irmão. Namoramos e, dentro de dois... Para não ir na guerra ele quis casar, porque foi a época da guerra, em 1943. Quando foi em 45 nós casamos.

I.F.- Mas quando a senhora chegou aqui não levou um susto quando viu isso aqui? Não tinha nada, não é?

B.M.- Não, não tinha nada. Eu fiquei meia... Os hotéis estavam prontos, tinha os hotéis, aquela rua estava pronta, mas faltava calçar. A minha rua não existia, isso aqui não existia, nada disso. Eu levei susto, mas eu achava... Nós íamos muito, viajávamos muito para Barra Mansa; Barra Mansa era o nosso ponto. Tanto é que toda quarta-feira a Siderúrgica dava um ônibus especial para nos levar para fazer compras, porque a gente

não tinha um sabonete, uma farmácia, não tinha nada. Aí a Siderúrgica mandava levar — a gente tinha muito conforto — alugava um carro da companhia, pagava pelo contracheque... Nesse carro a gente passava em Barra Mansa o dia inteiro, voltava...

I.F.- Mas durante a guerra tinha carro aqui? Não tinha racionamento de gasolina?

B.M.- Nós tínhamos. Mas chamava perua — uma perua que a companhia tinha de serviço. Uns chamavam caminhonete. era grandinha, parecia um microônibus. Ela tinha, ela cedia...

I.F.- É, porque diz que automóvel mesmo só tinha um, que era da direção, não é?

B.M.- Só da direção, só da direção.

V.A.- Agora, falaram também que tinha um armazém. A senhora disse que não tinha nada?

B.M.- Tinha um armazém... Não, o armazém, tudo da companhia... Não tinha isso aqui nada.

V.A.- Mas eu digo para comprar, para fazer compras.

B.M.- Compras? Nós tínhamos uma subsistência, que a gente chamava.

V.A.- Subsistência?

B.M.- É, que a companhia cedia. Até cobertor vendiam para nós. Então nós tínhamos direito, a um preço muito baratinho. Depois fizemos uma cooperativa, meu irmão até foi um dos que organizou a cooperativa. Depois o SESI veio, abriu uns armazéns. Foi tudo vindo assim, em seguida.

V.A.- A senhora estava dizendo que não tinha sabonete para comprar...

B.M.- Não tinha uma farmácia, nada.

V.A.- Nem a subsistência vendia isso?

B.M.- Não vendia isso.

V.A.- Era só alimento?

B.M.- Sabe, eu ia a pé do hotel das moças a Volta Redonda — que nós chamamos. Não sei se vocês notaram: o que eu chamo Volta Redonda não é aqui, nós separávamos.

I.F.- Era ali na Amaral Peixoto?

B.M.- Na Amaral Peixoto, que é Volta Redonda. Então minha neta ainda diz assim: “Ô, vó, a senhora está em Volta Redonda.” Porque ela estuda hoje, é atualizada: “A senhora está em Volta Redonda. Por que a senhora está dizendo que vai? A senhora está.” Eu falei: “Pode deixar, eu estou na Vila, na Siderúrgica — nós consideramos aqui a CSN.”

Primeiro foi chamada de Vila Operária, depois passou pelo nome de Vila Santa Cecília, entendeu? Foram os americanos que fizeram, porque esse tipo de construção, tudo foi feito pelo americano. E eu ficava doida, não estava acostumada a ver americano, lá em Minas a gente nem via... Eles ficavam no Bela Vista; era assim...

I.F.- E a convivência com as famílias americanas, com os americanos, era boa?

B.M.- Olha, era boa sim, muito boa. Eu mesma...

I.F.- Porque é outra cultura, outros hábitos...

B.M.- Pois é. A única coisa que eu reparava muito era fumar, naquela época. Eu reparava demais. Então a gente dizia: “Ah, mas tem que fumar americanizado.” Que o americano sempre está na frente nossa, então isso eu estranhava muito.

V.A.- E eles fumavam?

B.M.- Fumavam. E bebiam...

V.A.- E a senhora fumava também?

B.M.- Não, nunca fumei. Eu tentei, fiz tudo para fumar, mas meu organismo não resistiu. Porque eu achava bonito. Eu tinha colegas que fumavam, mas era muito feio. Reparavam moças fumarem, que não ficava bem, isso tudo era muito reparado.

I.F.- Viviam muitos americanos aqui?

B.M.- Nossa senhora! Demais! E o Bela Vista também... Agora eu vou falar nessa parte de distração. Para distrair... Os rapazes não podiam entrar no nosso hotel, que não entrava homem de jeito nenhum. Tinha aquela zeladora, chamava zeladora, que olhava tudo ali, não podia entrar homem. Meu namorado ficava lá fora e eu ia atravessar a escada para ir lá na calçada encontrar com ele. E nos hotéis, os rapazes faziam uns bailezinhos para nós. Todo o sábado. Isso que eu queria contar, que eu escrevi aqui. Era a nossa distração: aqueles rapazes... Era uma beleza! Eles moravam em frente. Cada hotel dava em uma semana, e eles ali faziam... A gente dançava, as moças ficavam conhecendo, vinha até moça de Barra Mansa dançar... As moças do escritório, as enfermeiras, nos reuníamos assim. No fim de semana era uma distração, que não tinha outra coisa. E depois veio a beleza do Bela Vista que passou a ter a piscina... Depois veio a questão da piscina, que o Macedo Soares... O pessoal não queria misturar com o pessoal, tinha essa separação, muito grande, viu? Aqui tinha muita separação.

V.A.- Separação em que termos?

B.M.- Em questão de poderes, porque tinha... Por exemplo: os chefes de departamento ganhavam casa de um tipo, tudo separado.

I.F.- Era o arigó de penacho.

B.M.- É, isso. A minha casa, por exemplo, é de tipo de chefe de divisão; depois tem as de bloco, que é para servente. Era tudo separado por tipo de categoria da pessoa.

I.F.- E lugares também como o Hotel Bela Vista, para as pessoas...

B.M.- Tinha. Agora, o Bela Vista tinha uns bailes muito bacanas. Porque não tinha clube; depois foi que fundamos o Clube dos Funcionários, onde o meu marido era fundador também. Foi um grupo de funcionários da CSN que criou o clube. Hoje ele já tem mais acesso de outros, mas...

I.F.- E o Aeroclube? Uns dizem que foi dos primeiros...

B.M.- O Aeroclube foi antes do dos funcionários. Bem antes, bem antes! Eu era solteira, eu fui na inauguração dele. Eu fui à inauguração da primeira festa lá, que eu nunca tinha tomado chope na minha vida, nem conhecia chope. Aí me deram e ainda falaram assim: “Não fica bêbada não, pode tomar.” Ah, não me fez bem, tomei um chopinho lá... A festa inaugurou, uma beleza... O capitão Magalhães, que foi um dos que...

I.F.- O capitão Magalhães mandava muito, não é? Eu queria que a senhora falasse um pouquinho dele.

B.M.- Este homem era tudo! Olha, falo muito sobre ele. Era um homem de uma energia, um homem que governou isso aqui como bem poucos conseguiram.

I.F.- Ele era quase um prefeito aqui?

B.M.- Ele era o prefeito de nossa cidade, respeitado, e todo mundo tinha medo dele — respeito, aliás, por ele. Eu, quando entrei, ele é que me admitiu — ele queria ver a gente. Aí, eu fui lá — eu usava trancinha, que eu era muito novinha, aquelas tranças de mineira — e pedi a ele... Eu sempre fui muito atirada. A minha colega estava ganhando seiscentos cruzeiros, e ele me admitiu com quatrocentos. Eu achei que não estava certo aquilo, fui lá e falei com ele: “Ah, capitão, o senhor podia melhorar; por que eu entrei com quatrocentos?” Ele falou: “Primeiro, a senhora tem cara de menina, a senhora tem que crescer.” Porque eu era assim miudinha. “E outra é que a senhora é a primeira vez que trabalha, a outra sua colega já veio do Ministério do Trabalho e é mais velha, tem experiência. A senhora, se for boa funcionária...” Ele falava assim. “Se a senhora trabalhar bem, o seu chefe vai lhe dar o aumento.” Felizmente em seis meses eu ganhei os duzentos de aumento.

I.F.- Havia uma cadernetinha, que nos falaram, que todo o funcionário tinha, onde o chefe anotava se chegou na hora, se não chegou, anotava as promoções, os castigos?

B.M.- Quando eu entrei, era cartão de ponto, que eu batia, e as nossas promoções eram feitas por expediente, por memorando. Agora, essa de promoção, de carteirinha, eu não peguei, não.

I.F.- Me disseram que tinha uma espécie de uma caderneta, onde todo o chefe anotava se a pessoa chegava no horário, se não chegava...

B.M.- Ah, isso aí foi antes do relógio de ponto.

I.F.- Ia ser suspenso porque chegou atrasado muito tempo...

B.M.- Antes do relógio de ponto, era feita a folha de presença, mas eu já peguei o relógio de ponto, já entrei com o relógio de ponto em 43.

I.F.- Agora, a senhora me falou que os americanos bebiam muito. E os brasileiros?

B.M.- Não. Não acho tanto, não.

I.F.- Não tinha problema de desordem? Havia falta de mulher como a senhora falou, falta de distração, que não tinha...

B.M.- Ah, mas eles não paravam aqui. Chegava sábado, sexta-feira, ia tudo embora nesse trem da alegria de sexta-feira que ia para o Rio de Janeiro.

I.F.- Não havia problema para manter ordem aqui?

B.M.- Olha, teve sim. Eu até falei aqui sobre um, não sei se alguém falou...

I.F.- Tinha uma polícia chamada capacete amarelo...

B.M.- Eu vou falar. Cabeça-de-tomate que eles eram chamados.

I.F.- Cabeça-de-tomate?

B.M.- É. Eu vou dizer. Aqui, eu até escrevi.

I.F.- Que eram subordinados a esse capitão Magalhães.

B.M.- Todos eram subordinados. Tinha até um coronel Fonseca, não sei se falaram nele.

I.F.- Não.

B.M.- Este homem era o terror também. De noite olhava aí, botava ordem e tudo. Agora, o capitão Magalhães, até o relógio de ponto... Eu um dia saí da sala... Olha, o relógio de ponto ficava em uma distância daqui a ali, a minha sala era logo a primeira. Ele não admitia que ninguém registrasse o ponto com um minuto... Ele queria que batesse o ponto no horário... Eu não podia sair às 12 horas; tinha que ser 12 e um, entendeu? Um dia — a minha sala era a primeira e eu entrei na fila... Quando o meu relógio saiu 12 horas em ponto ele achou que eu estava na fila antes da hora. Recebi um bilhetezinho dizendo que eu tinha saído antes da hora! Ah, mas eu não me conformei, eu fui lá falar com ele: “Não capitão, o senhor tem que reconsiderar isso aí.” Senão, a segunda vez é punido. Eu peguei, fui lá e falei: “Pelo amor de Deus, o senhor vê a minha sala, eu trabalho na porta do relógio.” Dava aquela campainha no escritório: uuu... a cigarra. Quando a cigarra tocava, todo mundo corria e ele não queria aquilo. Ele achava que era falta aquela “correção” no corredor; ele queria que saísse normalmente. E eu, como a minha sala era a primeira, eu bati ponto. “Mas a senhora não podia, a senhora tinha que ter um minuto.” [riso] Era essa luta assim, era desse jeito o capitão Magalhães.

I.F.- A senhora conheceu naquela ocasião um senhor chamado Fábio Bessa?

B.M.- Não cheguei a pegar o Fábio Bessa, não.

I.F.- Sabe quem era?

B.M.- Já ouvi falar nele, ouvi falar nele.

I.F.- Eu falei com ele pelo telefone e ele não quis me dar o depoimento. Ele me disse que ele era um polícia secreta, que trabalhava aqui subordinado ao capitão Magalhães para manter a ordem, mas que ele trabalhava como funcionário do escritório... E que ele ficava aqui para controlar a ordem, manter a organização.

B.M.- É. De fato a coisa naquela época era muito pesada, eu até estava contando aqui que... Olha, eu anotei uma partezinha para falar com a senhora a respeito de um...

I.F.- Porque tinha esses cabeças de tomate, que eram os que mantinham a ordem; era a polícia da cidade...

B.M.- Polícia. Uma noite, eu vindo do Bela Vista... Eu era noiva, e o dr. Garcia, que era uma pessoa também que foi muito afamada aí, que foi diretor na companhia, era noivo da enfermeira que morava perto. E nós não tínhamos condução, então nós viemos, nós dois casais, descendo do Bela Vista e chegamos ali. Isso em 1943. Paramos na rua para conversar, assim despedindo, casal de namorados... Ele, o Garcia, mais adiante, e eu com o meu ex-marido. Aí quando eu estava bem ali chegou a polícia da companhia com a lanterna em cima de nós, aqui na rua 33, à noite: “Os senhores não sabem que são dez da noite e não é permitido ninguém ficar na rua?” Era assim! E eu mais do que depressa despedi e disse: “Mas nós estamos vindo do Bela Vista.” “Mas estão parados, cada um vai para o seu canto.” Aí o Garcia foi... Casou até com essa... Ela e eu entramos depressa para o hotel. Era assim.

V.A.- Não podia ficar parado?

B.M.- Parado, não...

V.A. Se estivesse andando...

B.M.- Andando ou então indo para algum lugar, mas a rua tinha que ser toda limpa, toda... A minha irmã não podia... Tinha um namorado e era loura. De noite a minha irmã tinha que ir embora. Era uma fiscalização medonha naquela época. Primeiro que eles diziam que era época da guerra ainda — foi antes de 45, antes que a guerra acabasse. Então isso estava sendo considerado um local de esforço, então não podia ficar porque não podia fazer grupos. Era o capitão Magalhães que não queria, e os guardas todos conosco ali... Tinha os cabeças de tomate e tinha a polícia especial, que hoje ainda tem um desses que trabalha lá conosco², aposentado, que é uma pessoa...

V.A.- Polícia especial era diferente por quê?

B.M.- Porque um era mais graduado, não é?

² Refere-se à Associação dos Aposentados e Pensionistas de Volta Redonda.

V.A.- A polícia especial?

B.M.- Especial deles, da companhia. Era tudo da companhia. Guarda — a gente chamava de guarda. Um era guarda e o outro era cabeça-de-tomate. O cabeça-de-tomate era o mais simples, era o tipo de um ajudante, era um auxiliar, não era... O que ficava mesmo para chamar a atenção da gente, de lanterna, era polícia da companhia.

V.A.- Era o guarda.

B.M.- O guarda, o chamado guarda.

V.A.- E esse cabeça-de-tomate chamava assim por quê?

B.M.- Cabeça-de-tomate porque ele era um policial mais barato e era também... Ele usava um chapéu com cor de tomate na cabeça — um capacete — e ele era subordinado aos outros guardas que eram guardas mais graduados, ganhavam melhor, eram pessoas mais preparadas. E esses outros eram do tipo de vigilantes naquela época.

V.A.- A senhora casou em que ano?

B.M.- 1945, no dia 2 de maio de 45. Até mexia com o meu marido...

I.F.- Aqui mesmo?

B.M.- Aqui mesmo.

I.F.- Na igreja Santa Cecília?

B.M.- Santa Cecília. Eu fui, aliás, um dos primeiros casamentos. Olha, era tão interessante aqui... Isso que eu sinto hoje, esse aconchego que nós... Embora não fôssemos amigos, havia muito mais união do que hoje. Hoje nós ficamos separados, dificilmente vê-se um daquela época. O meu casamento mudou o horário do escritório para o pessoal assistir a meu casamento. Interessante, eu nunca esqueci. E foi o capitão Magalhães. E ele foi ao meu casamento.

V.A.- A que horas a senhora casou?

B.M.- Eu casei às 12 horas.

V.A.- Aí podia bater o ponto...

B.M.- Aí a turma saía. É, ele abriu: se chegassem atrasados, todos seriam abonados. Eram poucas pessoas, a cidade ainda estava pequena, poucos funcionários... Todos foram ao meu casamento, na hora...

I.F.- Quando tinha uma festa assim, faziam uma festa onde?

B.M.- Nós fazíamos muita festa. Havia também essas festinhas nas nossas residências, quando tínhamos casinha convidávamos... Muita festinha de aniversário de criança — era a nossa distração antes de essa cidade crescer. Nós usávamos muita festa, tenho aí

muitos retratos com os meus meninos pequeninhos, a gente reunia muito, não tinha televisão.

I.F.- Quantos filhos a senhora teve?

B.M.- Só dois. É, só dois filhos, todos os dois nascidos aqui.

V.A.- A senhora então foi trabalhar primeiro nesse escritório...

B.M.- Trabalhei nesse escritório de obras, de construção e, quando as construções foram diminuindo, eu vi que iam mandar minha colega embora. Eu então falei o seguinte: “Como eu tenho mais iniciativa e meu irmão tem muitos conhecimentos, eu vou sair.” Que eu tinha vontade de sair da central de concreto porque tinha muito pó, fazia uma poeira por causa do cimento ali, o britador... Ali tinha um britador perto, horrível, hoje não existe mais, que era para fazer pedra britada para construir a cidade. Aí meu irmão arranjou para mim um órgão de compras, que eu tinha muito jeito. Ao chegar no órgão de compras me jogaram justamente no setor de medicamentos e parte hospitalar. E ali eu fui tendo contato com o hospital...

[Final da fita 1-A]

B.M.- Adelaide não foi demitida, minha colega lá da parte da central de concreto onde era o laboratório que fazia essa parte, onde foi o primeiro emprego meu.

V.A.- Ela não foi demitida porque a senhora saiu?

B.M.- Eu ofereci, porque eu tinha vantagem, tinha sido convidada para o órgão de compra, para onde eu desejava ir — para o escritório central, que eu não gostava muito lá do britador, não. Éramos só eu e ela de mulher. Aí ela não saiu, eu falei: “Não, Adelaide. Você deixa que eu vou para lá, saio eu.” Aí o chefe ficou assim e tal, mas me cedeu. Eu fui, então. Para não tirá-la do serviço, eu fui para o escritório central, onde eu trabalhei no órgão de compras. Aí que eu vou dizer sobre a mulher: eu era compradora, eu fazia todo o serviço... Eu tenho pessoas que poderiam dizer. Eu abria as concorrências, eu era a pessoa de confiança, eu sabia fazer compras de medicamentos, eu fazia redação, fazia tudo e quis ser compradora, que era um salário bem mais alto. A resposta foi que eu era mulher, não podia ser compradora, porque a compradora só era para homem. No meu tempo, está bem? Eu me aborreci...

V.A.- Foi em que ano isso?

B.M.- Isso eu sei! Foi no ano de 1952, foi quando eu tive o segundo filho. E me aborreci. Mas ia inaugurar esse hospital que hoje existe aí, o Santa Cecília, quando eu fui para o hospital velho, porque me ofereceram uma chefia. Custei a sair de lá das compras, mas eu disse: “Eu não posso melhorar aqui.” Aí o diretor disse: “Ela não pode melhorar, porque ela faz o serviço...” Eu fazia o serviço de compradora e não podia ser compradora, só podia ser para homens. Eram aquelas coisas de antigamente, não é? Então fui para o hospital velho, de madeira ainda, fui me preparar para montarmos esse que o dr. Galotti iniciou comigo. Nós preparamos, arrumamos, lavamos chão, fizemos tudo aí, entendeu? Aí que eu fiquei no hospital.

V.A.- A senhora ficou na parte de compras. A senhora comprava medicamentos para o hospital da CSN?

B.M.- Para o hospital. Comprava, mas era subordinada... A companhia tinha um setor de linha de compras. Todas as compras centralizavam naquele setor e eu fiquei com o setor de medicamentos e almoxarifado geral, material hospitalar... Tudo era eu. Com isso eu aprendi o setor médico; foi quando eu fui para lá, fiquei sendo chefe do almoxarifado, da farmácia...

V.A.- No hospital velho?

B.M.- No hospital velho. A gente chama provisório. Nesse hospital, faltavam mais ou menos uns seis meses e eu fui trabalhar lá. É, seis meses; eu fui para lá em dezembro e fiquei até maio; em maio nós inauguramos esse. Ele foi inaugurado em 1º de maio de 1953.

V.A.- Que o Getúlio veio aqui, não é?

B.M.- É, o Getúlio veio. Em 1953. Inaugurou — quem comprou a fita, quem recebeu tudo fui eu, com o dr. Galotti ...

V.A.- A fita, é?

B.M.- A fita, a fita verde e amarela, eu comprei ... Até eu mesma comprei com o meu dinheiro, depois não me pagaram, porque lá tinha que fazer compra... Eu falei: “Ah, deixa para lá, eu estou feliz.” Coloquei a fita e recebi Getúlio, foi comigo.

I.F.- Mas a senhora disse que quando veio para cá, veio recebendo quatrocentos, que era menos...

B.M.- Quatrocentos cruzeiros.

I.F.- O capitão Magalhães mandou que a senhora crescesse mais...

B.M.- Crescesse, mandou.

I.F.- E quando é que a senhora começou a ter aumentos?

B.M.- Seis meses depois. De seis em seis meses os bons funcionários eram aumentados pelo chefe. O chefe fazia um memorando e citava os nomes. Eu tenho uma história também muito interessante no órgão de compras. Eu fui a única mulher que recebi... Não sei se alguém falou sobre girafa.

I.F.- Já.

B.M.- Eu não era chefe, girafa era só para chefe.

V.A.- Ah, era só para chefe?

B.M.- Era só para chefes, mas havia uns prêmios especiais em que cada chefe de setor poderia escolher os funcionários que mais se destacavam para receber. Eu sei que foi Cr\$ 2.500,00 que eu recebi naquela época. Foi um sucesso, porque, de mulher, fui a única e, da minha sala, também fui a única.

I.F.- Pelo que eu entendi, no princípio essa girafa foi instituída pela direção da companhia quase como um 14º salário, só algumas pessoas recebiam...

B.M.- Eles davam de acordo com a produção, com os lucros.

I.F.- Agora, depois passou a ser lei.

B.M.- Depois passou a ser lei.

I.F.- Aí então todos recebiam uma porcentagem. Agora, o que nós não conseguimos ainda descobrir é por que esse nome girafa. Tivemos várias versões diferentes.

B.M.- Girafa? Porque a girafa, que eles diziam, é aquele que tem o pescoço comprido; então quem recebia a girafa recebia muito, era dado pelos valores. Quem escolhia era o diretor, o presidente, então o chefe do departamento ganhava. Eu ganhei a girafinha, porque ganhei pequeno, é pelos valores. Então girafa não é um bicho que tem aquele pescoço, aquele pescoço comprido, grande?

I.F.- É.

B.M.- Então puseram o nome de girafa. É uma gíria, como puseram o arigó. “Você ganhou girafa?” Nós ganhávamos girafa.

I.F.- Mas outros me disseram que chamava girafa porque eram só os melhores funcionários, os mais altos funcionários que estavam por cima, que pegavam os frutos melhores.

B.M.- Não. De fato, a intenção era essa. Mas quando eu recebi, que eu não era nem chefe, eu era só funcionária que trabalhava muito, eles então acharam que eu era protegida: “Ah, ganhou uma girafinha aí...” Eu passava no corredor, brincavam comigo. Mas não era não. De fato era girafa por causa de serem os maiores, depois veio para todos os empregados — isso passou a ser a participação de lucros. Aí mudou. Era dividido igualmente de acordo com o salário: dois salários, um salário... proporcional a cada um. Não havia mais essa diferença de dar dez mil para o diretor, o engenheiro, e deixar...

I.F.- Outra coisa: nós soubemos que no começo saíam por aí por esse interior pegando quase que a laço os funcionários para virem para cá.

B.M.- É verdade.

I.F.- Chegavam aqui, faziam um exame médico, de tuberculose...

B.M.- Faziam, eu fiz tudo. Pela primeira vez...

I.F.- A senhora também fez?

B.M.- Fiz. Eu, pela primeira vez, fui fazer raio X. E era do Instituto Nacional de Tuberculose, não era nem do... A pessoa que veio para cá ainda existe, a que fazia os exames. É da parte da tuberculose principalmente, que aparecia muito aqui na época.

I.F.- Aí vinham, eram aceitos, recebiam um quarto para morar.

B.M.- Vacinação também. Tinha vacina, é.

I.F.- Se depois de dois ou três meses vissem que não era um bom funcionário, despediam?

B.M.- Ah, demitiam.

I.F.- Sem problema?

B.M.- Sem problema nenhum, ia embora. E muitos. Aqui teve muito problema. Aliás, foi o que eu falei: que os que ficaram é porque foram bons e conseguiram. Muita gente tomava amor pela cidade, formou família, ganhamos as casas... Aqui era só CSN, não tinha ninguém de outra... a não ser o pessoal do BIB, que a companhia recebia do Exército, que era para manter aqui a ordem. Antigamente era o Batalhão de Infantaria Blindada sediado em Barra Mansa, mas os coronéis todos moravam aqui. Eles ganhavam casa também da companhia.

V.A.- Além da polícia da companhia...

B.M.- Nós tínhamos o Exército para manter a ordem. Era interesse da companhia. Inclusive até no hospital eu atendia a eles como se fossem funcionários; as esposas tinham filhos todos lá, por causa de interesse da companhia de manter a ordem. Era a segurança. A Siderúrgica tinha todos os coronéis, os sargentos, tudo... Quase a maioria morava por aqui.

I.F.- Não tinha muito ciúmes aqui dentro entre funcionários? Um querendo passar a perna no outro para subir mais?

B.M.- No meu tempo, não; não acho que havia isso, não. Aqueles que trabalhassem bem eram... Depois veio a organização... Quando tudo foi melhorando, fizeram um estudo para classificação... Foi o meu caso. Eu, por exemplo, ocupei cargo de universitário por toda a minha vida e não tenho universitário, mas no dia em que eu saía de férias só ficava no meu lugar advogado. Mas eu não perdi, por causa da minha eficiência — modéstia à parte — e porque eu também já estava há mais de dez anos. Depois a companhia fez um estudo e eliminou muita gente. Então foi melhorando o padrão também, não é? Deram as melhorias e tudo. Agora, eu deixei de fazer lá na Fundação por causa de criança, de marido — eu ia fazer aquele curso que a companhia dava para nós seis meses na Fundação.

I.F.- Fazia curso na Fundação Getulio Vargas?

B.M.- É, administração. Eu cedi para o abaixo de mim. Eu cedi a vez para ele. Eu fui convidada pelo dr. Paulo Mendes: “Ah, eu quero que você faça, porque você tem muito futuro...” Eu ia fazer lá, meu chefe foi, diversos daqui foram, mas eu não fui porque o meu marido não deixou. Aquele problema, antigo, não é?

I.F.- Ah, é.

B.M.- Hoje eu iria. Ele achava horrível e eu sempre fiquei... Hoje estou sempre no meio — eu de mulher. Eu continuei na diretoria da associação: eu, mulher, estou no meio. E hoje está bom porque depois que veio a Maria Sílvia para aí levantou mais a moral da mulher, não é? [risos] Levantou cada vez mais; a mulher hoje compete muito bem com o homem.

V.A.- A senhora estava dizendo que lá em Ubá as pessoas achavam que era perigoso, como era?

B.M.- Não, lá em Ubá censuraram muito, porque lá mulher só podia ser professora. E não acreditavam nem que eu ganhava o que eu ganhava aqui, porque lá todo mundo ganhava um pouquinho. Eu vim para aqui com quatrocentos, já era alguma coisa. Uma professora ganhava cinquenta, cem reais em Minas — como até hoje há uma diferença muito grande. Mas eles lá censuraram muito. Ih, falaram de mim à besa. Mas eu não me incomodei, não. Mas logo eu casei — sorte que eu casei logo — minha mãe viu que eu tive meus filhos, graças a Deus deu certo.

V.A.- E o horário de trabalho, a senhora...

B.M.- Na época da guerra nós trabalhávamos 45 minutos a mais.

V.A.- Ah, é?

B.M.- É. Outra coisa que teve também é que nós pagamos bônus de guerra. Não sei se alguém falou no bônus de guerra. Nós pagamos uma taxazinha, um percentual para a guerra. Descontava. Chamava-se bônus de guerra.

V.A.- Ah, é? Descontava no contracheque?

B.M.- É. Mas depois de muitos anos o governo devolveu. Nós recebemos com correção, tudo direitinho. Eu recebi, me lembro bem da diferença que eu recebi. Em 1943, 44, 45 eu paguei bônus de guerra; em 45 terminou a guerra, pararam de descontar. Demoraram uns anos a nos devolver, mas nós recebemos o bônus de guerra.

V.A.- E o horário de trabalho, qual era?

B.M.- Dependendo... No escritório central era de 7:30 até o meio-dia, depois voltávamos uma e meia. Que aqui era tudo pertinho — eu morava ali, o escritório central era ali. De uma e meia até cinco e meia.

V.A.- E a senhora almoçava no hotel?

B.M.- No hotel, no hotel. Uma beleza, o hotel. Tinha coordenador: a gente pagava uma taxa, dividia Depois passou a ter no hotel dos rapazes também, tinha os coordenadores, os rapazes que fazem... era uma espécie de um síndico. Agora, essas zeladoras nossas eram admitidas da Siderúrgica. A Siderúrgica colocava para a gente tudo, e o hotel para os engenheiros, para esses americanos, a companhia montava, mobiliava com empregado da CSN e tudo. Eles tinham tudo como tem em um hotel. Depois é que isso foi acabando, acabando.

V.A.- E a senhora ia a pé para o trabalho?

B.M.- Ia. Ah, não tinha carro. Ah, tinha um ônibus. Depois a companhia tinha um onibuzinho, a gente comprava passes do ônibus e eu pegava o ônibus que me largava na porta do escritório central.

I.F.- Dizem que se andava muito de bicicleta aqui também, não é?

B.M.- Demais, demais. Eu não usei, não, mas meu marido usava — quando morava no Conforto. Eu andei de caminhão, para contar a verdade à senhora.

I.F.- Vocês usavam uniforme ou roupa comum?

B.M.- No escritório central, comum. No hospital, uniforme. No hospital eu adorava, usei uniforme o tempo todinho.

V.A.- Uniforme da CSN?

B.M.- Da CSN, é. Quem dava era o próprio hospital. As enfermeiras, a parte técnica, de branco, e nós tínhamos uma saia cinza com uma blusinha branca.

I.F.- E os operários? Tinham uniforme?

B.M.- Os operários já tinham um macacão, como eles chamavam. Eu me lembro muito bem dos macacões — a Siderúrgica dava.

I.F.- Da outra vez em que eu estive com a senhora, a senhora disse que sua mãe foi parteira?

B.M.- Foi. A mamãe, a mamãe era muito... era espírita. Então ela ajudava muito, gostava muito de ajudar os pobres. Inclusive, quem lançou a campanha do cobertor para os pobres aqui foi minha mãe, e eu fiquei um pouquinho com esse lado dela de trabalhar para a comunidade. Eu trabalho muito ajudando, só que eu não faço essa parte assim de filantropia propriamente dita, eu ajudo mais com esclarecimentos na associação: os operários que precisam fazer uma carta, que eu posso ajudar em defesa deles, essa parte eu faço. A minha mãe começou aqui, no Conforto — que se chamava Conforto, já ouviu falar, não é? Naquela casa. Ela chegou a dar até pensão, porque o pessoal não tinha nem onde comer. Ela dava pensão. Mamãe trabalhava muito e trouxe empregada também de lá, veio uma pessoa com ela.

I.F.- Quem não tinha nem onde comer?

B.M.- Nós aqui! Restaurante era pouco, então aquelas pessoas que sabiam que minha mãe sabia cozinhar muito bem, ela dava até umas pensões ali para as pessoas. Então a nossa casa era sempre cheia lá no Conforto. Depois ela começou a ver dificuldades: o pessoal começou a casar, começou a engravidar, o hospital era muito pequeno e longe, então a mamãe começou a fazer parto, que ela tinha uma certa noção. Meu pai era farmacêutico e tudo, e ela gostava dessa parte. E ela fez. Muitos nasceram na mão dela. Às vezes quando ela passava um aperto tinha que chamar o médico — era o dr. João Pinho na época. Só tinha dois médicos aqui: João Pinho e Tavares. Aí a companhia começou... tinha cinco, aí já veio o Galotti. O Galotti veio em 1946 ou 1947.

V.A.- Ele nos contou que a companhia tinha fichadas 80 parteiras, porque tinha muita demanda de parteira, e o hospital não dava conta.

B.M.- A mamãe fichou assim; é credenciou, não é? A minha mãe era credenciada. Mas meu irmão não gostava que ela fizesse. Ele não gostava que ela fizesse parto, não. O meu irmão tinha medo de ela ter algum caso, criar problema... Mas ela parou depois com os partos. Depois os filhos foram crescendo, ela morava aqui, tinha uma casa muito boa, passou a ter conforto também, ela parou um pouco.

V.A.- A senhora falou que fez cursos na Escola Técnica.

B.M.- Fiz. Fiz cursos para poder...

V.A.- Quais eram os cursos?

B.M.- Eu fiz curso de administração, porque a Escola Técnica dava aula à noite...

V.A.- Depois do expediente?

B.M.- Nós tínhamos o professor Furtado. Depois do expediente, à noite. E para qualquer concurso que tivesse que fazer para mudar de categoria era exigido curso da Escola Técnica e a gente fazia um cursinho lá. E era o professor Furtado nessa época.

V.A.- E quais eram as cadeiras que a senhora fez?

B.M.- Olha, eu fiz para administração. Eu aprendi até um pouco de inglês, nós aprendemos um pouco de administração, até parte de contabilidade, essa partezinha para melhorar os nossos conhecimentos. Porque naquela época eu não completei os estudos e completei assim.

V.A.- E esse professor Furtado dava aula de tudo?

B.M.- Já faleceu. Ele era o diretor. Ele era um matemático, professor que dirigia a escola, muito preparado. Tinha outros, tinha o professor Walfrido, tinha uns três ou quatro professores.

I.F.- Como vocês conseguiam comprar livros, revistas e jornais?

B.M.- Isso tudo: Rio de Janeiro. E a companhia facilitava tudo para a gente. Tudo. Tinha mala direta, a gente fazia pedido no Rio de Janeiro, o pessoal comprava, tinha pessoas que iam ao Rio e traziam encomenda... Entendeu?

I.F.- Eu comentei hoje com a Verena que me impressionou muito que tenho visto gente que veio para cá como técnico com uma cultura geral muito grande... Eles deviam ler muito aqui. Não tinha televisão naquela época...

B.M.- É, liam muito. Nós tínhamos biblioteca também no escritório central.

I.F.- Ah, tinha?

B.M.- Tinha. Podia ler. No hospital, também; eu fui até chefe da biblioteca — fiz curso de bibliotecária, um cursinho, também. Tudo assim que fazia. Porque a gente não tinha outro meio: três, quatro meses freqüentava, aprendia... E tinha uma biblioteca muito boa no escritório central e uma biblioteca... Porque não tinha prefeitura, você sabe, não tinha nada. Tinha no escritório, no hospital tem uma biblioteca também muito boa de diversos livros, mas lá eram mais científicos, livros científicos. E depois vieram os grupos escolares, o estado foi colocando grupo. A companhia fez esse grupo... Tudo da companhia! Veio depois o Colégio do Rosário. Quem fundou foi o Paulo Mendes, nessa época — foi em 1955, 52...

I.F.- Porque o general Edmundo Macedo Soares me disse que, em todo lugar em que ele chegava, ele fazia logo um colégio para meninas, um colégio para os meninos e uma banda.

B.M.- Fez. A banda... Eu falo aqui na banda, no corpo de bombeiro... Foi tudo inaugurado com ele, ele colocou tudo isso. A cidade... Isso aqui ficou uma cidade completa sem prefeito: tudo da companhia. E aí eu até botei aqui: “Nós não podíamos passar das dez horas da noite na época da guerra, tinha guardas policiais, havia...” Agora, aqui que eu botei: “Não tínhamos clubes, os bailes eram realizados no hotel”, como eu disse. “O corpo de bombeiro e a banda de música”, coloquei aqui, “foram fundados nessa época: polícia...”³ Ele fez isso aqui...

I.F.- Tinha muito incêndio aqui com essas construções todas de madeira?

B.M.- Olha, tinha. O escritório central teve um incêndio muito feio. Esse a minha mãe saiu gritando pela rua e eu também, porque nós vimos as chamas, e queimou muita coisa da secretaria lá. Mas foi aí que a companhia tomou essa providência de ver que tinha que fazer o escritório definitivo. O escritório queimou uma parte grande.

V.A.- Quando foi esse incêndio, a senhora se lembra?

B.M.- Esse incêndio... Olha, a minha mãe ainda era viva. Esse incêndio deve ter sido...

V.A.- A senhora trabalhava no hospital já?

B.M.- Já, já trabalhava no hospital. Ih, a minha mãe morava aqui na Vila. Eu tenho a impressão que esse incêndio... Deixa eu vou botar minha memória em dia... 1962, 60,

³ A entrevistada lê algumas anotações que levou para a entrevista.

62... Porque a minha mãe morreu em 64. Pelo cálculo do falecimento da minha mãe... Ela estava viva, me lembro dela, coitadinha, gritando, porque a minha mãe tinha paixão pela Siderúrgica, porque foi lá que nós realizamos a nossa vida, não é?

I.F.- É.

B.M.- E todos, felizmente... Não tem ninguém rico, mas todos estão em condições.

I.F.- Porque eu vi em uma fotografia do escritório central que era uma casa que tinha uma escadinha assim na frente. Foi o primeiro escritório...

B.M.- Era. Eera assim uma frente bonita que dava para o lado de lá, tinha uma escadinha, depois ele era comprido, vinha e fazia uma volta.

I.F.- Este é que pegou fogo?

B.M.- Este é que pegou fogo. E na frente dele tinha o restaurante central, que era onde nós almoçávamos.

I.F.- Ficava onde esse escritório central?

B.M.- Ficava aqui nessa...

I.F.- Na rua 33, por aí?

B.M.- Não, não. Ele ficava... quer ver onde? A senhora conhece o restaurante central da Siderúrgica, que tem aqui na saída, na usina? Não tem a usina?

I.F.- Perto da usina?

B.M.- Ali naquele meio... Aqui não tem o chamado restaurante, onde os operários almoçam?

I.F.- Então já é dentro das instalações da usina?

B.M.- É aquela partezinha ali. A gente tinha de passar um portão e descia assim, tinha uma passarelazinha, a gente passava, era o escritório central. Foi ali.

I.F.- Aí quando pegou fogo foram para onde?

B.M.- Não... Mas queimou uma parte grande. Aí imediatamente deu bombeiro, parou, mas o fogo foi muito feio por causa de ser madeira. Foi onde a companhia acabou logo que pôde... Porque tinha muita casa de madeira! Eu não cheguei a morar, não, porque quando eu vim as casas de madeira já estavam prontas e já estavam todas doadas. Eu é que não pude ganhar porque eu era solteira, ainda fiquei mais de ano e meio... Aí foram construídas essas outras do Conforto, foram ficando prontas, foram entregando.

I.F.- Ficou muita gente ferida nesse incêndio?

B.M.- Não... Sabe por quê? Foi à noite. Eram mais ou menos oito e meia, nove horas da noite, quando começou a pegar fogo lá. Parece que foi um curto que houve, e nesse incêndio queimaram diversos papéis, queimaram papéis que fizeram falta. Mas eles tinham muita coisa no Rio, conseguiram completar e resolveram tudo direitinho. Mas foi horrível.

V.A.- E acidente de trabalho?

B.M.- Olha, tinha acidente de trabalho. Eu mesma...

V.A.- A senhora tomava conhecimento?

B.M.- Tomei, muito.

V.A.- Como era isso?

B.M.- Olha, um acidente de trabalho que... Eu chegava até a ajudar, porque, por falta de funcionários, eu entrava... Eu era da administração, mas eu sou daquelas “pau para toda a obra”, eu entrava lá. Houve um horrível, de queimadura. Mais de dez ou doze faleceram, mas queimaram de ficarem irreconhecíveis. Como o hospital tinha arcada dentária desses operários, a gente tinha que ajudar e foi uma coisa horrível. Foi em 1958 mais ou menos; esse incêndio foi horrível

I.F.- E problema de panela de aço?

B.M.- Teve, de aço que virou. Porque eu acho que havia menos prevenção do que hoje. Hoje a prevenção de acidente é muito mais adiantada. Tinha também muitos casos de... a parte de oxigênio, entendeu? Uma coisa horrível, do gás, por gases. Teve até um engenheiro que ficou doente, nunca mais voltou, porque eles aspiraram muito gás da usina e depois chegaram lá gasados — nós chamávamos de gasados: são os que respiram gases. Esse também foi um acidente que gravou bem na gente.

I.F.- Eu soube também que tem um trabalho que eles ficam em uma altíssima temperatura.

B.M.- Ah, sim.

I.F.- E que tem que ter sempre uma pessoa do lado, porque, se ele passar mal, tem que ser retirado. Nesses casos tinha muito acidente, de a pessoa passar mal?

B.M.- Não, não tinha. Eu posso falar, porque eu trabalhei no hospital. Tinha casos às vezes até por imprudência da própria pessoa.

I.F.- Porque dizem que a desidratação é fatal, não é?

B.M.- Isso é. Eles usavam muito naquela época o sal, não é? Que eu até comprava, quem comprava era eu — aquele cloreto de sódio que tem em pastilhas, era muito usado por causa do calor. Mas agora eu acho que as coisas já adiantaram tanto, porque era o início... No Brasil não tinha...

I.F.- Diz que ficava um ali e outro só para olhar para ele.

B.M.- Isso, fiscalizar.

I.F.- Para ver se ele não estava desmaiando ou passando mal.

B.M.- E esse hospital é uma ajuda muito grande, porque nós ali... O dr. Galotti, por exemplo... De perna quebrada, era ele: ele era o único ortopedista aqui. Depois foram melhorando. Mas o dr. Galotti, o que ele fez aí nesses operários! Queimados também era com ele, ele atendeu muito queimado, recuperou muito queimado da usina. Houve muito, muitos foram mutilados — isso teve.

I.F.- Nós soubemos também pelo sr. Célio Ramos que teve um problema de curto-circuito...

V.A.- Morreram eletrocutados... A senhora acompanhou isso?

B.M.- Isso de vez em quando tinha mesmo, tinha. Mas os mais graves que eu sei, que mais chocaram, que ficaram muitas viúvas, foram... Nessa época a companhia admitia as viúvas para superar a falta do marido, era um trabalho social muito importante. Geralmente caía conosco no hospital. E esse pessoal, que eu sei... Dois mesmo graves foram esses queimados, uma coisa muito triste — os homens ficavam desse tamanho, ficavam todos assim no chão —, foi uma coisa gravíssima, e esses gasados. Engenheiro também foi; não foi só operário, não — engenheiro também. Esse engenheiro nunca mais voltou ao normal — nem sei se ele faleceu — ele ficou meio perturbado, ficou deficiente.

I.F.- Não teve acidente de trem, essas coisas assim? Porque era um movimento de lá para cá! Não teve atropelado na linha de trem?

B.M.- Não tinha não. Não tinha não, porque a cancela ali era muito bem feita — a guarita da companhia, como nós chamamos. O serviço de polícia era justamente dentro; naquela parte ali era que se fazia a fiscalização, onde ninguém passava. Ali fechava e não passava ninguém. Ali eu não me lembro de acidentes assim, não.

I.F.- É, porque a gente sabe que Roberto Carlos, o cantor, perdeu uma perna em uma linha de trem.

B.M.- É, diversos. Aqui mesmo teve um rapaz, não foi nem da Siderúrgica, foi em Barra Mansa, era muito comum. Só que a fiscalização da companhia era muito boa, esse capitão Magalhães botou ordem aqui...

I.F.- Quanto tempo ele ficou aqui?

B.M.- O capitão Magalhães ficou muitos anos. Mas eu calculo, pela minha idéia, que ele ficou mais de... Eu cheguei e já o encontrei, ele foi o fundador. Ele não tinha uma mãozinha, falaram para você?

I.F.- Não.

B.M.- Não? Ele foi mutilado de guerra eu acho. Ele tinha uma mãozinha assim, usava uma mãozinha assim. Mas o homem era danado: o homem escrevia, o homem atendia ao telefone...

I.F.- Mutilado de guerra não pode: ele veio para cá antes da guerra.

B.M.- De guerra, não. Desculpe. Deve ser coisa de Exército, acidente de Exército. Tanto é que ele foi até reformado por causa dessa mãozinha que ele tinha. Ele tem um filho que de vez em quando vem aqui falar conosco, ele é até sócio nosso lá da associação.

V.A.- Ficou até quando?

B.M.- Eu acho que o capitão Magalhães ficou... Eu casei, ele foi ao meu casamento, tive filho... Eu acho que ele foi embora em 1955, mais ou menos.

I.F.- Então quando já existia a cidade de Volta Redonda.

B.M.- Já tinha começado. Ah, tudo pronto.

I.F.- Não, eu digo a cidade já tinha se emancipado.

B.M.- Já... Ah, ele foi vereador!

I.F.- Ah! Está vendo como é bom lembrar?

B.M.- Ele foi vereador com o meu irmão! Foi o primeiro vereador de Volta Redonda.⁴

V.A.- O irmão da senhora foi vereador?

B.M.- Foi vereador e deputado. O meu irmão foi o primeiro vereador...

V.A.- Esse irmão que veio antes da senhora?

B.M.- Esse irmão que veio antes de mim, ele já faleceu — o Bernardo. Se vocês conhecessem ele ... Era um crânio. Meu irmão era advogado, jornalista, ele era chefe da fiscalização do estado, sabe? Da coletoria — ele foi coletor aqui muito tempo, terminou como coletor.

V.A.- Deixa eu voltar um pouquinho e perguntar sobre os dois filhos: os filhos da senhora nasceram em que ano?

B.M.- Um nasceu em 1946, o outro nasceu em 1952. O mais velho é engenheiro e o mais novo é odontólogo.

V.A.- Quando eles nasceram, como é que a senhora... Eles nasceram no hospital?

B.M.- Não nasceram no hospital.

⁴ Depois da gravação do depoimento, a entrevistada telefonou para dizer que o irmão foi suplente do vereador capitão Magalhães, eleito ainda por Barra Mansa, assumindo o cargo quando o capitão Magalhães foi para a Cosipa com o general Edmundo de Macedo Soares e Silva.

V.A.- Então foi a sua mãe...

B.M.- Não. A minha mãe assistiu...

I.F.- Sua mãe era aparadeira?

B.M.- Aparadeira. A minha mãe ficou do lado de uma outra parteira que fez meus partos, chamada d. Sizira — por sinal ela hoje telefonou para mim; está com 84 anos. Ela hoje telefonou porque está meio doente e eu estou olhando o caso para ela. Essa d. Sizira era parteira também afamada aí. Ela andava toda de branquinho, fazia a maioria até... Ela trabalhou até mais velha, largou há poucos anos quando ela já não estava podendo mais. E minha mãe também ajudou. Porque a minha mãe achava que, sendo filha, ela ia se emocionar, e ficou do lado, dentro da minha casa.

V.A.- Ah, que coisa boa.

B.M.- Todos os dois nasceram dentro de casa por partos normais. Eu sofri muito, mas tive os dois em casa.

V.A.- Dois meninos?

B.M.- Dois meninos.

V.A.- E aí como era conciliar a vida de mãe, tendo que cuidar das crianças, com esse trabalho?

B.M.- Pois é. Eu tinha ótimas empregadas, como tenho até hoje. Eu tenho uma que mora comigo há 42 anos, que criou esses meus filhos. E uma também quando nasceu o primeiro filho, muito boa. Mas a gente... Era tudo pertinho, o chefe deixava eu levar até o meu filho no carrinho lá para dar de mamar. Eu amamentei muito tempo os meus filhos lá no serviço, enquanto eu estive naquele departamento de obras. Tinha pouca gente, eles faziam isso para segurar a gente para trabalhar, porque eles precisavam de gente no serviço. Então ele dizia: “Não, d. Bergonsil, a senhora tem hora de dar mamar.” Já tinha essa lei de amamentar no meu tempo, e eu então levava o menino, amamentava, às vezes ela levava, amamentava lá. Quando o serviço estava folgado eu ia em casa, que eu morava pertinho — era só atravessar a rua já estava na minha casa.

V.A.- Agora, a senhora teve três meses de licença?

B.M.- Naquele tempo não eram três meses, eram 84 dias. Agora são 120, não é?

V.A.- É.

B.M.- Está vendo como é que eu estou sabida ainda? (risos)

I.F.- E outra curiosidade sobre os americanos: teve muito americano aqui?

B.M.- Teve.

I.F.- Como é que era essa questão de racismo aqui dentro, essa convivência de preto com americano?

B.M.- Não era muito boa, não. Não era muito boa, não. Mas os americanos separavam muito, eles não misturavam, eles viviam...

I.F.- Eu notei que eu vi muito pouco preto aqui em Volta Redonda.

B.M.- Eu também acho. Eu também acho que era para ter mais. Pelo que foi formada a cidade aqui, não é? Mas tem bastante atualmente. É porque o que tem mais é mulato, não é?

I.F.- É. Mas os americanos não conviviam bem com...

B.M.- Não conviviam. Os americanos ficavam muito no Bela Vista e tinham as residências deles, particulares, e eles viviam muito assim fechados. Eles eram muito fechados.

I.F.- Mas os funcionários pretos, como era o relacionamento deles com o chefe americano?

B.M.- Na usina respeitavam bem. Eles tinham muito medo. Aqui, no comando do capitão Magalhães, qualquer um tinha medo, e os que não quisessem, iam embora, não dava certo. Mas não tinha muita confusão, não. Agora, a bebida, além do americano, a turma gostava, sim, de entornar um pouco, inclusive o meu marido, sabe? Era muito... Porque a pessoa fica procurando um paliativo qualquer, um meio, uma fuga, não é?

I.F.- Só trabalho, trabalho...

B.M.- Isso: trabalho, é. O jogo é que não imperou muito aqui, não. O jogo não deu muito, não. Um joguinho de buraco ainda tem até hoje, mas o jogo, não.

I.F.- É. porque inclusive o cassino só foi fechado no governo Dutra, em 46.

B.M.- Dutra, pois é.

I.F.- Naquela época poderia ter cassino, roleta...

B.M.- E mesmo esses jogos assim de jogador ficar jogando na casa do outro, carteados, aqui não deu muito não. Em Barra Mansa tinha, mas aqui não tinha, não. O que deu mais aqui foi a bebida, que eu achei. Inclusive tivemos muitos operários com problema de ter que ir para o Rio de Janeiro fazer tratamento antialcoólico. No hospital nós tínhamos muitos casos destes, muitos mesmo. Mas bebida é um problema mesmo. Difícil, porque bebe em qualquer lugar.

V.A.- Os filhos da senhora foram para a escola aqui? Qual era a escola?

B.M.- Os meus filhos, pela dificuldade da época de não ter bons colégios, um filho...

[FINAL DA FITA 1-B]

V.A.- A senhora estava falando dos filhos.

B.M.- É, para poder conciliar a minha vida funcional com um filho brigando com outro, que é uma luta, com empregada, eu coloquei o mais velho interno e fiquei com um só. Fui levando assim até conseguir... Depois um foi fazer vestibular, o outro estava no ginásio, e eu fui levando. Quer dizer, sempre um fora, não é? Depois o outro estudou no Rio, eu comprei apartamento e ele ficou no Rio de Janeiro estudando. Casou lá mesmo, mora no Rio...

V.A.- Então um foi para onde?

B.M.- Interno, em Lorena, no Salesiano. Aliás não só o meu, a maioria de rapazes daqui, da época do meu filho, que é um dos primeiros, estudaram em Lorena, porque o nosso, o Macedo Soares, estava começando e era fraco. E a gente com aquela vaidade de querer que o filho fizesse um bom colégio, e esse Salesiano de padres... Vocês devem conhecer, eu gostava muito. Eu soube que nem existe mais internato, mas ele ficou os quatro anos. Não só o meu filho, o dos outros engenheiros. Tínhamos um ônibus em que nós íamos para Lorena todo fim de semana visitar, levar o que comer...

V.A.- Agora, o primário ele fez aqui?

B.M.- Fez aqui, fez.

V.A.- Aqui tinha grupo escolar?

B.M.- Não. Tinha umas escolinhas particulares, inclusive de esposas de funcionários que abriram. A melhor escola que teve aqui chamava-se Dona Zezé — os filhos desses engenheiros estudavam lá. Ela escolhia muito, só estudavam com ela pessoas da alta.

V.A.- Ah é?

B.M.- Era! Só de engenheiros e diretores. Eu não era, mas era amiga dela, particular. Então um dia, eu passando por lá, ela disse: “Por que você não botou o seu filho comigo?” Eu digo: “Ah, Maria José, pensei que não tinha vaga, você escolhe muito.” Falei mesmo: “Você escolhe muito.” “Não senhora. Seu filho vai estudar aqui. Se você não puder pagar...” Porque era caro. Naquele tempo parece que era duzentos cruzeiros, era dinheiro. Eu falei: “Você cobra muito caro e eu não posso, porque eu tenho outro e o meu marido não ajuda; quem paga...” E ela disse: “Não, então eu te dou de graça.” Eu falei: “Não, eu pago.” E botei com ela, que era o melhor colégio. Depois ela foi embora, deixou o colégio e veio o Rosário, começou a aceitar menino mais tarde — porque era só menina —, agora estuda menino também.

V.A.- Quer dizer que o primeiro filho da senhora fez o primário lá na escola Dona Zezé?

B.M.- Dona Zezé.

V.A.- E depois o ginásio no Salesiano?

B.M.- Depois fez o ginásio no Salesiano e depois foi para o Rio fazer vestibular, fazer cursinho.

I.F.- Estudou o quê?

B.M.- É engenheiro. Ele fez o Vetor.

I.F.- E o segundo?

B.M.- O segundo, odontologia.

I.F.- Ele fez o curso primário aqui?

B.M.- Fez o curso primário aqui, fez o ginásio...

V.A.- Com a d. Zezé?

B.M.- Não, já não era d. Zezé. Ele fez o primário com a d. Teresinha.

V.A.- Era outra escola particular?

B.M.- Ficou no mesmo lugar, ficou no mesmo prédio da Dona Zezé; ela ficou com a escola, a Teresinha. Depois que ele estudou com ela, ele foi para o Macedo Soares, fez no Macedo Soares o ginásio e já ficou em Volta Redonda, porque Volta Redonda já estava melhorando.

I.F.- Esse Macedo Soares era de padres?

B.M.- De padres, na época. Agora é MP1... VP1..., que abriu ali.

V.A.- Depois ele foi também para o Rio, para estudar?

B.M.- Foi para o Rio fazer cursinho. Aí fez no Rio, não passou no vestibular de odontologia, e passou em Valença, formou-se aqui em Valença. E o outro meu formou-se na Fluminense, na escola federal, o mais velho. Essa minha nora também é odontóloga; os dois trabalham aqui na Fundação CSN, com o Mateus — minha nora e meu filho. Eu sou muito feliz, tive muita sorte.

V.A.- Trabalham como dentistas?

B.M.- Como dentistas. Todos os dois aqui.

V.A.- E o engenheiro trabalha onde?

B.M.- O engenheiro? Trabalhou sempre na Telerj. Agora ele se aposentou e está trabalhando em uma cooperativa formada por um grupo de engenheiros. Porque agora eles estão fazendo assim, não é?

I.F.- É.

B.M.- Formaram, e ele continua trabalhando. Mas ele já é aposentado.

V.A.- E é no Rio que ele mora?

B.M.- No Rio, no Rio.

I.F.- Agora, outra curiosidade: eu vi que a CSN mantinha na cidade assistência médica, odontológica...

B.M.- Tudo.

I.F.- Dava cursos... Mas ao mesmo tempo, quando nós entrevistamos o sr. Allan Cruz...

B.M.- É meu amigo, meu conterrâneo.

I.F.- Ele disse que o sindicato dava cursos de datilografia, dava assistência odontológica...

B.M.- Dava.

I.F.- Qual era a necessidade de o sindicato oferecer isso se a CSN dava também?

B.M.- O negócio é o seguinte: o sindicato era gratuito, sócios de lá não pagavam nada. O da CSN paga... Porque a cidade foi aumentando e não dava para comportar o pessoal todo dentro do hospital, e o hospital dava preferência para empregados. O sindicato é de todos os metalúrgicos, de material elétrico, de Barra do Piraí, de Barra Mansa... Eles têm direito a ir, e nós éramos fechados, nós éramos só a CSN. Tem isso. E o nosso serviço era um serviço mais especializado. Mas o sindicato tanto não deu certo que acabou, eles não têm mais nada disso hoje.

I.F.- Ah, não tem, não?

B.M.- Não! Agora tem até o meu nome ali no centro de saúde, nós compramos do sindicato — a companhia. Ficamos... O sindicato entregou para nós, ele acabou com tudo: ele não tem farmácia, não tem odontologia, não tem mais serviço social nenhum, ele não agüentou. Agora, a CSN, não; a CSN, tinha um serviço odontológico, como tem até hoje mantendo esse aí, que é para os seus empregados. Agora, o sindicato era geral, ele atendia a diversas entidades: o metalúrgico da Barbará pode ser atendido lá, o metalúrgico da CSN... O Allan conhece, mas o Allan hoje já está mais assim fora, porque há muitos anos que ele fundou... Ele que ajudou a fundar — tem até o nome dele aí: Allan Cruz.

I.F.- É, foi o primeiro...

B.M.- Foi, foi. É meu conterrâneo, meu amigo, pessoa muito correta, sabe?

I.F.- Sei.

B.M.- Pessoa que conhece mesmo Volta Redonda.

I.F.- Já que a senhora está dizendo que o seu irmão foi vereador...

B.M.- Foi vereador.

I.F.- Como é que foi o início da vida política aqui da cidade?

B.M.- A política foi muito...

I.F.- A cidade emancipou-se em 54.

B.M.- Foi, em 54.

I.F.- Aí passou a ter uma concorrência, vamos dizer assim, entre a administração da cidade e a prefeitura.

B.M.- Pois é. Mas o mal da companhia, dos nossos engenheiros, é não ter entrado na política, porque deixaram isso aqui ficar com um pessoal assim de um nível inferior. Porque nós tivemos vereador até do dedão. Você conhece o que é dedão?

I.F.- Não.

B.M.- Dedão é o chamado Raimundo Dedão, porque ele era analfabeto — ele assinava com o dedão, então puseram o apelido de Dedão. Foi uma pena, porque o meu irmão entrou, o capitão Magalhães entrou... Prefeito mesmo o melhor foi quando veio o Néelson Gonçalves, que foi da Siderúrgica. Todos... Quando a Siderúrgica entrava, suplantava tudo, porque eram pessoas mais preparadas. Conforme você notou, o nível que veio para aqui, com a cidade tão difícil, era pessoal de nível bom. E a Siderúrgica também deu muito, assim, instrução para nós, ensinou muito. Para mim ela foi uma escola. Eu aprendi muito com a Siderúrgica, com os chefes que estavam aqui, pessoas que vieram preparadas. E a gente procurou aprender. Porque aprender não é só na aula, não, é prática da vida.

I.F.- Lógico.

B.M.- Não é? Então o meu irmão foi um dos primeiros vereadores. E hoje a política já não está mais... Está muito para Volta Redonda, porque a cidade cresceu e já não está mais... Porque ela vivia só em função da CSN também. O capitão Magalhães foi vereador junto com o meu irmão. Era uma disputa, eles pegaram também... Aliás, deixa eu corrigir: eles foram vereadores ainda por Barra Mansa, por Barra Mansa.

V.A.- Antes da emancipação?

B.M.- É, antes da emancipação. Eles foram por Barra Mansa. O meu irmão chegou até a ser presidente lá na Câmara e o capitão Magalhães era colega dele na época.

V.A.- E quando o município de Volta Redonda foi criado, o seu irmão foi eleito vereador aqui?

B.M.- O meu irmão, não, porque ele aí largou a política. Quiseram dar um cartório para ele — porque usavam muito isso em troca de emprego, politicamente faziam — ele não quis o cartório, preferiu ser candidato a deputado.

V.A.- Deputado estadual?

B.M.- É. Aí ele foi deputado estadual, venceu, ganhou. Quando acabou, ele quis ser coletor, aí ele foi ser coletor estadual, que foi o último emprego dele. Ficou muito bem. Aí o último ele terminou com a coletoria de Volta Redonda; ele ficava no Rio, coletor do estado.

I.F.- E a interferência da política federal aqui em Volta Redonda? Havia empreguismo, colocavam gente?

B.M.- Ah, foi horrível. Nós tivemos uma fase horrível! Nós tivemos uma fase muito ruim na época, foi quando entrou João Goulart. Foi horrível. Depois do João Goulart vieram outros também, que vieram protegendo, botando diretores políticos. A gente, que amava a companhia, não gostava disto. Eu principalmente não gostava de político, porque eles faziam... Colocavam gente, mas a rodo de emprego! Gente que nem merecia. Barra Mansa... Vinha Feres Nader mandando aqui dentro, teve Vandir de Carvalho, entendeu? Depois, a privatização... O Collor entrou, ainda teve um pouquinho de política, depois teve a privatização que, eu acho, felizmente acabou com a política. Eu sou totalmente apolítica, já me convidam para tudo, menos para entrar em política. A nossa associação não é política, ela é proibida pelo estatuto, mas se tiver política lá, eu me retiro, entendeu? Eu me retiro porque sempre fiz minha vida sem precisar... Não gosto, eu acho que... Não gosto de política, não.

I.F.- Porque eu soube inclusive que o general Edmundo teve atritos com o presidente Juscelino, porque o presidente Juscelino queria colocar gente aqui dentro e ele não aceitava.

B.M.- É, mas depois o Edmundo Macedo Soares saiu, começaram a colocar... Colocaram o Sávio Gama — era político; Amaral Peixoto... Amaral Peixoto era um político danado, ele colocou... colocou muitos! O tal do diretor social nada mais era do que político. E no meu tempo não era, no meu tempo era diretor um médico — começou com um médico. Depois a política enxergou que esse cargo dava voto, que era a parte social, aí ele teve interesse de começar a mandar. Teve irmão de Feres Nader, teve Vandir de Carvalho, teve Gibraltar de Oliveira, tudo político. Só veio a acabar isso, felizmente, quando privatizou, entendeu?

I.F.- E o movimento sindical aqui dentro?

B.M.- Olha, teve feio muitas épocas, teve época muito feia mesmo. A época pior, que foi feia, foi aquela do Juarez, que mataram três, não é?

I.F.- É.

B.M.- Todo mundo sabe, está no livro aqui. Eu tenho as histórias deles e tudo. Mas agora está bem, agora o sindicato ficou ...

I.F.- Parece que no começo era um sindicato...que se acomodava muito, negociava com...

B.M.- Negociava.

I.F.- Sem problemas maiores...

B.M.- Negociava certinho; de seis em seis meses tinha aqueles aumentos normais, não tinha briga nem nada, era tudo muito bom. Mas depois começou a ficar... A gente chamava de pelegos, baderna, começaram a querer mandar, querer dar apoio só para empregado, patrão não tinha direito... Até eu passava aperto, porque eles mandavam lá no hospital fazer certas coisas, eu não podia, eu achava ruim, aí o presidente do sindicato ia lá, achava que eu estava ultrapassando as ordens... essas coisas. Havia, sim, muitos atritos, muitos mesmo.

I.F.- Aquela crise de 88 foi muito feia, não é?

B.M.- Muito feia, muito feia. Antes também teve, na época da revolução, de João Goulart. A minha sorte é que eu não sou política. Eu recebi uma ordem para fechar o almoxarifado e ir para a casa do diretor que era o presidente do sindicato e diretor nosso. Era assim: ele era o diretor e era do sindicato também, o Othon Reis, meu amigo também. Mas eu virei e falei assim: “Eu não vou, eu estou em hora de serviço.” E o meu serviço era inadiável, porque era hospital, e eu falei: “Diz a ele que eu não vou, que eu vou entregar material, é até 11 horas e hoje é dia de entrega.” Porque eu tinha que fiscalizar os serventes e não fui. Minha filha, Deus me ajudou! O Exército deu na casa dele, pegou o livro de frequência, prendeu todo mundo. Essa foi feia também, na época da revolução. Foi uma coisa horrível aquela época.

V.A.- Por que livro de frequência?

B.M.- Porque ele fazia reunião e a gente tinha de assinar presença. E como é que eu podia assinar se eu estava trabalhando? E teve funcionário que foi.

V.A.- Reunião de quê?

B.M.- Reunião de sindicato para...

V.A.- E a senhora recebeu ordem para ir à reunião do sindicato?

B.M.- Porque ele era o diretor.

V.A.- Ele era diretor?

B.M.- Ele era meu diretor e era presidente do sindicato.

V.A.- Ele era diretor do hospital?

B.M.- Diretor social, diretor social.

V.A.- Diretor social da CSN?

B.M.- Da CSN. Ele mandava em mim.

V.A.- E ele falou que a senhora tinha que ir lá?

B.M.- Não, mandou recado para todos irem reunir na casa dele, porque o João Goulart já estava fazendo aquela armação por aí. Ele morava na Vila como diretor e tinha muita força no sindicato, era o sindicato que estava reunindo lá para fazer...

V.A.- Mas por que o Exército prendeu as pessoas que assinavam?

B.M.- Ah, minha filha, porque não podia fazer essas concentrações, isso aí...

V.A.- Mas se ele era o diretor? Era o chefe, mandava...

B.M.- Ah, minha filha, mas... Ele foi preso!

V.A.- Sim. Mas aí as outras pessoas estavam só obedecendo a...

B.M.- Eu poderia dizer isso, mas eu não poderia largar meu serviço.

I.F.- Mas isso não foi depois da Revolução de 64?

B.M.- Não, isso foi na Revolução, na Revolução de 64.

V.A.- Primeiro ele fazia as reuniões na casa dele?

B.M.- E eu fui convidada para ir. Foi no dia em que bateu lá, pegou o livro e prenderam uma porção.

I.F.- Pois é. Mas aí já foi depois de 64. Já estava no governo militar.

B.M.- Não, não. Foi na época do Othon isso.⁵ Tem até o retrato dele aqui,⁶ ele está aqui, ele é meu colega, eu vi. Ele morreu em 64, eu me lembro da morte dele, eu fui no enterro dele. Quem foi bagunceiro também foi esse Juarez.

I.F.- Othon Reis Fernandes foi do sindicato de 57 a 61.

B.M.- Ele foi do sindicato, depois foi diretor da companhia. Mas ele tinha uma manobra muito grande com o João Goulart, que ele estava aqui indicado pelo João Goulart. Porque ele ganhou a eleição, Jânio Quadros não o colocou sabe por quê? Porque queria o médico dr. Figueiredo que trabalhava comigo. Mas o dr. Figueiredo teve mil e poucos votos, então...

V.A.- Ele era diretor...

⁵ Othon Reis Fernandes foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda de 1957 a 1961 e Diretor de Serviços Sociais da CSN de 12 de maio de 1962 a 25 de abril de 1964.

⁶ Mostrando fotografia à página 38 do livro *Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda: 50 anos brasileiros*, de Geraldo Tadeu Moreira Monteiro (Rio de Janeiro, FSB Comunicações, 1995).

B.M.- Aqui, olha ele aqui. Olha: “Chapa independência: Othon Reis, presidente ao centro; à esquerda, Lucas Teixeira...” Aqui ele, o seu Othon.⁷

V.A.- Ele foi Diretor de Serviços Sociais de 62 até 25 de abril de 64.

B.M.- Estou certa ou não estou? [riso]

I.F.- É, está certíssima.

B.M.- Está vendo? [riso] E aí foi que deu a confusão, porque ele perdeu. E ele era meu amigo, eu conheci ele estudando lá em Juiz de Fora, e eu também fazendo... Estudei lá antes de meu pai morrer.

V.A.- A senhora estudou em Juiz de Fora?

B.M.- Estudei.

V.A.- Estudou o quê?

B.M.- Estudei ginásio... É ginásio, porque foi na época em que minha mãe me mandou para lá. Depois foi de lá que eu vim fazer prova na Siderúrgica ...

V.A.- A senhora disse que tinha feito o ginásio em Ubá.

B.M.- Em Ubá eu fiz, estudei mais tempo, depois eu fui... Não me demorei, fiquei só seis meses, porque eu fiquei com saudade, era novinha, minha mãe então me mandou de volta para Ubá. Porque Juiz de Fora e Ubá é pegadinho, e essa amiga da minha mãe queria me criar. Então me chamou para lá, minha mãe deixou eu ir. Chegou lá, me pôs para estudar e foi onde eu conheci o Othon, na casa dela. Mas logo depois eu vim embora, voltei para Ubá, porque saí de férias, falei: “Ah, eu não vou voltar, não.” E continuei em Ubá.

I.F.- A senhora se separou do marido, ou ficou...?

B.M.- Não, o meu caso... vivi com o meu marido até ele se aposentar. Ele se aposentou e quis morar no meu apartamento no Rio. Eu não poderia ir, aí houve incompatibilidade nossa, nós ficamos um ano separados, mas sem desquite, sem nada, e eu com os filhos assumindo tudo. Aí ele adoeceu e bateu onde? Na minha casa. E eu cuidei dele até morrer, fiz o enterro, internei lá no hospital, no meu nome.

I.F.- No fundo, no fundo, sempre foi um grande amigo seu?

B.M.- É, foi, foi. Foi, porque ele voltou para mim, não é?

I.F.- É.

B.M.- E não me tirou nada. Me deixou seguro de vida, me deixou tudo direitinho. É pai dos meus filhos, eu tinha que receber. E também eu fiquei quieta aí trabalhando onde eu adorava ficar trabalhando.

⁷ Lendo a legenda da fotografia.

V.A.- A senhora trabalhou na CSN até quando?

B.M.- Mil novecentos... Trabalhei 32 anos. No hospital eu fiquei 22 anos na mesma cadeira, na mesma mesa. Só trabalhei na CSN, em outro lugar nenhum. Trabalhei...

V.A.- Até quando?

B.M.- Trabalhei até 1975. 13 de fevereiro de 75.

I.F.- Aí aposentou-se.

B.M.- Aposentei a partir... fiz acordo.

I.F.- E aí então começou a trabalhar na Associação dos Aposentados...

B.M.- Aí, não. Aí passei uma temporada... Viajei, fui para os Estados Unidos, Rio de Janeiro toda semana, que eu tinha apartamento e aproveitei muito. Eu estava com 47 anos quando eu fiquei viúva. Fiquei nova ainda, não é?

I.F.- É.

B.M.- Mas não casei de novo, não, e nem queria saber. E fiquei viajando para lá, para cá, me distraíndo. Quando surgiu... Eu fui para a Associação, falei: “Ah, eu preciso arranjar alguma coisa.” Cheguei lá, apareci, comecei a me apegar... E eu gosto de lá.

I.F.- Que bom.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

V.A.- [gravando simultaneamente em vídeo] Então, hoje é dia 10 de fevereiro de 1999, nós estamos fazendo entrevista com a d. Bergonsil de Oliveira Magalhães aqui no Hotel Sider.

Nós queríamos, dona Bergonsil, que a senhora resumisse qual foi a importância da CSN para a história do Brasil e para a sua vida pessoal.

B.M.- Para a história do Brasil foi uma grande vantagem, porque a Siderúrgica fez crescer muito o nosso país com a indústria siderúrgica.

Para mim foi uma realização que fez o meu grande futuro, que hoje eu me sinto realizada. Não sou uma pessoa rica, mas tudo devo à CSN. Meus filhos se formaram à custa da CSN, do meu trabalho nela, mas não deixou de ser a CSN. E eu tenho orgulho da nossa Associação, que tem na direção 99% de pessoas que foram aposentadas da CSN e ali continua mantendo o nosso amor com a CSN. Embora privatizada nós admiramos toda essa diretoria que assumiu, e foi um orgulho para todos que a companhia tivesse sido entregue a essa direção que vem mantendo com grande orgulho a produção para o nosso país.

I.F.- Obrigada.

V.A.- Obrigada.

I.F.- Nós então queríamos agradecer mais uma vez.

B.M.- Falei direitinho? [riso]

I.F.- Foi ótimo, foi uma entrevista com muita coisa interessante mesmo, foi um prazer. E qualquer coisa de que a gente precise, depois eu peço socorro para a senhora, para esclarecer alguma dúvida, alguma coisa que fique faltando.

[FINAL DE DEPOIMENTO]⁸

⁸ Após a gravação do depoimento, a entrevistada telefonou às pesquisadoras para esclarecer que o irmão havia sido suplente do capitão Magalhães, conforme já observado acima, e para registrar dois pontos que havia esquecido de mencionar: a) que havia *footing* na rua 33, e b) que as parteiras eram chamadas de “curiosas”.